

Lynn Weingarten

*notas
suicidas
de
belas
garotas*

TRADUÇÃO Álvaro Hattner

PLATA
FORMA 

TÍTULO ORIGINAL *Suicide Notes From Beautiful Girls*

© 2015 by Lynn Weingarten

Publicado mediante acordo com Lennart Sane Agency AB.

© 2017 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago

EDITORA-ASSISTENTE Natália Chagas Máximo

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Ana Paula Martini e Raquel Nakasone

DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt

DIAGRAMAÇÃO Juliana Pellegrini

FOTO DE CAPA © 2015 by Peter Hatter/Trevillion Images

CAPA Regina Flath

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Weingarten, Lynn

Notas suicidas de belas garotas / Lynn Weingarten; tradução

Álvaro Hattner. -- São Paulo: Plataforma21, 2017.

Título original: Suicide notes from beautiful girls

ISBN 978-85-92783-16-7

1. Ficção - Literatura juvenil I. Título.

17-02390

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

plataforma21.com.br

vreditoras.com.br | editoras@vreditoras.com.br

Eu tinha me esquecido de como era ficar tão sozinha.

Durante os dez dias do recesso de inverno, eu dirigi. Passava pelas casas decadentes do bairro e pelas mansões a alguns quilômetros de distância, seguindo em direção às colinas, depois voltava atravessando as grandes planícies congeladas. Ia de um lado ao outro do rio Schuylkill, de um lado ao outro do Delaware. Colocava o volume do rádio no máximo e cantava em voz alta. Precisava ouvir uma voz ao vivo e tinha que me contentar comigo mesma.

Mas agora o recesso acabou, e estou andando na direção da escola, vindo da área de estacionamento mais afastada. Estou feliz por estar aqui e pelo fim do recesso. Sei que a gente deveria gostar de uma folga, mas foi muito solitário. Esse é o problema. Era como se eu estivesse flutuando cada vez mais longe no espaço, sem nada que me prendesse.

Meu telefone vibra no bolso. É uma mensagem do Ryan. Ainda não o vi, porque ele só chegou ontem à noite: Trouxe uma coisa de Vermont pra você. Então, um segundo mais tarde, chega outra mensagem: não é herpes.

Respondo: ótimo, porque seria realmente constrangedor se seu presente fosse igual ao meu.

Envio a mensagem com o dedo congelado. Pequenas nuvens de ar morno escapam através do meu sorriso.

Entro na sala da confirmação de presença e Krista olha para cima com cara de quem estava me esperando.

– Meu Deus, June – ela diz. Seus olhos estão semicerrados, e ela está usando os óculos de armação vermelha em vez das lentes de contato de sempre. – É possível, *clanicamente*, que eu ainda esteja de ressaca de terça? Faz dois dias!

Ela tira a enorme bolsa laranja da carteira a seu lado para eu sentar.

– Considerando tudo o que aconteceu, é – digo.

Ela dá um enorme sorriso, como se eu tivesse feito um elogio.

A única coisa que eu fiz durante o recesso de inverno, além de dirigir, foi ir a uma festa na casa do namorado de Krista, o que foi um pouco estranho, porque não somos melhores amigas nem nada. Conversamos na sala da confirmação de presença de vez em quando, e a verdade é que nenhuma de nós tem muitas opções. Quando recebi o convite por mensagem, já estava sozinha fazia tantos dias que simplesmente aceitei ir.

O namorado dela, Rader, mora com alguns amigos a uns 35 minutos de distância, bem no limite da Filadélfia, em um apartamento detonado. Ele é mais velho, assim como os amigos, que têm uns vinte e poucos anos. Praticamente só tinha homem na festa, e fumaça de vários tipos tomava conta do lugar. Quando entrei, Krista já estava acabada e subia para o

quarto de Rader. Senti todos aqueles caras virando e me medindo de cima a baixo. De repente, compreendi porque tinha sido convidada: não por ela, mas por eles. Passei a festa toda encostada na parede, sem conversar com ninguém, olhando tudo como se fosse um filme.

– Rader disse que Buzzy pediu seu telefone – ela diz, esfregando os olhos.

Não tenho a menor ideia de quem é Buzzy. Talvez seja o cara alto que ia toda hora ao banheiro e saía fungando e assoando o nariz, ou o cara com um palavrão tatuado nas juntas dos dedos, ou aquele de camisa de veludo que ficava me perguntando se eu queria passar a mão nela (eu não queria) e que depois tentou colocar um *shot* de tequila no aquário (eu não deixei).

– Eu tenho namorado – digo.

– É *mesmo*? Quem?

– Ryan Fiske.

Krista levanta as sobrancelhas, como se eu talvez pudesse estar brincando.

– É verdade – eu digo.

Ela inclina a cabeça.

– Fala sério!

Dou de ombros. A surpresa dela não me surpreende. Estamos juntos há mais de um ano, mas quase ninguém sabe. Acho que não combinamos muito.

– Eu nunca pensaria que você namora alguém tão... *normal* – diz Krista, em uma crítica a ele.

– Bom, você não o conhece – digo. Mas a verdade é que ele é normal. E, de certa forma, isso me tranquiliza.

Ryan é uma daquelas pessoas que entra sem esforço no grupo que quiser, tipo, sem nem pensar. Ele se dá bem em qualquer lugar. É alto e bonito de um jeito que, mesmo que não seja seu tipo, você tem que reconhecer que seus ossos estão exatamente onde deveriam estar para tornar um rosto agradável de olhar.

Ele é um pouco de tudo, acho que é isso. E eu não tenho certeza do que sou. Não acho que a maioria das pessoas pense muito em mim, o que é ótimo.

– Espero que ele curta alguma coisa bizarra em segredo – diz Krista. Ela pisca e solta um gemidinho de dor. – Meus olhos ainda não estão prontos para piscar.

Um segundo mais tarde, os avisos começam.

– Bom dia, alunos e professores da North Orchard. Vamos fazer silêncio por um minuto, por favor.

Vice-diretor Graham. Tem alguma coisa estranha em seu tom de voz. Eu me sento e escuto.

– É com profundo pesar e com o coração consternado que trago uma notícia muito triste. Um membro da comunidade da escola North Orchard faleceu durante o recesso. – Ele faz uma pausa para limpar a garganta. Prendo a respiração. Acho que todo mundo prende. Poderia ser qualquer um. – Junior Delia Cole faleceu ontem. A srta. Dearborn, o sr. Finley e todos os outros conselheiros estarão disponíveis para qualquer um que precisar conversar, e minha porta também está sempre aberta.

Nossos pensamentos e preces vão para a família e para os amigos da srta. Cole durante este momento difícil.

O alto-falante estala ao desligar. E então há um silêncio, seguido pelo som do sinal. As aulas tinham oficialmente começado.

Minha cabeça se separa de meu corpo. Ergue-se no ar e flutua em direção à porta. Eu a sigo.

– Ele nem disse o que aconteceu – alguém sussurra. – O que será que foi?

Todos parecem confusos, como se a morte dela fosse muito improvável.

Mas consigo facilmente imaginar um milhão de maneiras como Delia poderia ter morrido. Talvez ela tenha subido na velha ponte interdita que se estende sobre o reservatório e caído da parte apodrecida, depois da placa de PROIBIDO. Talvez estivesse em cima do telhado de alguém olhando para a lua enorme e brilhante e quisesse se equilibrar na borda frágil, mesmo enquanto imploravam para que não o fizesse. Talvez ela, que gostava de desafios, tivesse atravessado a estrada com os olhos fechados, para ver se os carros desviavam primeiro, e seu último momento tenha consistido em uma buzina, um jorro de adrenalina e, de repente, uma luz cegante.

Ryan está me esperando do lado de fora da sala. Nossos olhares se encontram e ele fica ali parado, como se não tivesse certeza do que fazer com o rosto. Eu não tenho certeza do que fazer com o meu, porque nem parece mais meu rosto. Começo a andar na direção dele, que me puxa para si em um

abraço. Seus braços são fortes e quentes, mas agora mal consigo senti-los.

– Isso é... – começo a dizer e paro, porque estou sem palavras, e não há nada em minha cabeça a não ser ar.

– Bizarro – ele diz, balançando a cabeça. Então me ocorre que é a primeira vez que qualquer um de nós falou sobre Delia ou sequer a mencionou em mais de um ano. Sempre achei que em algum momento faríamos isso, e que seria muito estranho quando finalmente fizéssemos.

Atravessamos o campus e Ryan me deixa na porta do prédio do departamento de inglês, onde vai ser minha primeira aula. Ele se inclina para a frente e me abraça outra vez. O náilon de seu casaco é liso e frio contra meu rosto.

Quando me solta, ele olha para o chão.

– Não posso acreditar que isso aconteceu.

Mas o fato é que, agora que aconteceu, parece que ia acontecer de qualquer jeito. Como se o tempo todo Delia estivesse muito à nossa frente, morta, e nós só agora estivéssemos nos inteirando disso.

– Não sei se é estranho dizer isso agora – ele começa –, mas eu realmente senti sua falta.

Sei que, em uma versão do mundo diferente da realidade, isso faria com que eu me arrepiasse. Então eu digo que também senti, mas ficar longe dele, e o recesso de inverno, e tudo o que aconteceu antes daquele momento parece muito distante. Não consigo lembrar qual é a sensação de sentir falta ou qualquer outra.

2

Fui para a aula. Meu cérebro não registrou nada. Aquilo tudo importou ainda menos do que o normal.

Almocei e agora estou de pé no banheiro, diante da pia. A três pias de distância estão duas garotas, também do segundo ano. Não as conheço bem, mas sei seus nomes: Nicole e Laya. Nicole sempre usa enormes brincos de argola prateados e Laya, um rabo de cavalo tão apertado que parece que seu rosto está todo esticado. Estão passando delineador.

Não estou prestando atenção nelas ou em coisa alguma, mas ouço algo vibrando. É o telefone de Laya recebendo uma mensagem. Então, meio segundo depois, sua voz aguda soa:

– Fala sério!

Levanto os olhos. Nicole está passando delineador, puxando o rosto de um jeito que permite ver o cor-de-rosa em torno dos olhos.

– O quê?

Mesmo que eu não saiba o que Laya vai dizer, meu coração já decide começar a bater mais rápido.

– Você sabe que o irmão mais velho da Hanna está estudando para ser policial, né?

Nicole balança a cabeça como se fosse pesada demais para seu pescoço aguentar.

– E você viu que não disseram como ela morreu, né? Bom, ele disse que é porque – Laya faz uma pausa, preparando-se para dizer algo impactante – foi suicídio.

Apesar da névoa do não sentir nada, meu estômago gela e meu coração para de bater. Eu me inclino para a frente, como se tivesse levado um murro.

Nicole vira para Laya.

– Uau.

– É. No Ano-Novo.

– Meu Deus, isso é tão triste! – Nicole parece excitada. – Como ela se matou?

Laya dá de ombros.

– O irmão da Hanna não falou para ela.

– Uma vez, eu li que as mulheres têm maior probabilidade de usar comprimidos, mas não sei, eu meio que consigo ver ela, tipo...

Nicole coloca dois dedos dentro da boca, então ela sacode a cabeça para o lado com a língua de fora.

A água está martelando a pia e espirrando na minha blusa. Tenho vontade de vomitar.

– Ela sempre me pareceu meio desequilibrada... – diz Laya.

– Totalmente. Como uma daquelas pessoas que fazem coisas insanas sem nem serem famosas.

– É, tipo, famosas só na cabeça delas.

Minha pia está cheia. A água começa a pingar no chão.

Olho para elas. Algo dentro de mim solta faíscas e pega fogo.

– Parem de falar sobre ela desse jeito – eu digo, tentando fazer com que minha voz não saia trêmula. Elas viram para mim como se só agora tivessem percebido que estou aqui. – Parem com isso, porra.

– Hum, oi? – diz Nicole. – Esta é uma conversa particular. Além do mais, vocês por acaso eram amigas?

Ela olha para mim, os lábios fazendo um leve beicinho.

– Sim – eu respondo.

– Ah – diz Laya. – Desculpa.

Por um momento, ela quase parece sincera. Laya e Nicole trocam um olhar rápido e então se dirigem para a porta, sem dizer nada. São melhores amigas, o que significa que nem sempre precisam de palavras para se comunicar. Fico olhando as duas saírem. Sinto um aperto no meu peito e esfrego os olhos. As lágrimas começam a cair, mas cerro os dentes e pisco bastante para que recuem.

Quando eu disse que Delia e eu éramos amigas, não fui totalmente sincera.

Se nós ainda fôssemos amigas, quando vi o nome de Delia piscar no meu telefone dois dias atrás pela primeira vez em um ano, eu teria atendido em vez de ignorar tanto a chamada quanto a mensagem que se seguiu. Eu teria ouvido a voz de Delia e percebido que alguma coisa estava errada. E então, sem me importar com o que Delia dissesse, o que estivesse planejando, eu teria impedido.